

Identities juvenis na Região das Hortênsias: São Francisco de Paula

Rodrigo Koch¹

Priscila Francisco de Oliveira Castilhos²

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais e breve análise de pesquisa sobre as identidades juvenis na Região das Hortênsias, com foco nos municípios de Canela, Gramado e São Francisco de Paula. Utilizamos as escolas como espaço para a coleta de dados, por estas estarem configuradas ainda como lugar de aquisição de conhecimento e também por terem se tornado mais um dos palcos para os jovens contemporâneos. Apresentamos os resultados iniciais de São Francisco de Paula, com breve análise, onde *música*, *consumo* e *festas* foram indicados como áreas de interesses dos jovens desta cidade.

Palavras-Chave: Identidade; Juventude; São Francisco de Paula; Escola.

Youth identities in the Hortênsias Region: São Francisco de Paula

Abstract: This article presents results and brief research analysis on youth identities in the Hortênsias Region, focused in the cities of Canela, Gramado and São Francisco de Paula. We use the school as a space for the collection of data, these are still defined as a place of knowledge acquisition and also have become more one of the venues for contemporary young people. We present the initial results of São Francisco de Paula, with brief analysis where *music*, *consumption* and *parties* were indicated as areas of interest of young people in this city.

Keywords: Identity; Youth; São Francisco de Paula; School.

Introdução

A juventude na contemporaneidade deixou de ser uma fase etária para ser muito mais uma questão de comportamento e estilo de vida. “Ser jovem” nos tempos atuais envolve toda uma rede de significados que são expressados nos mais variados espaços, entre eles, a escola. Os indivíduos produzem seus corpos buscando a inserção ou

¹ Professor assistente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Doutorando e mestre em Educação. Licenciado em Educação Física. Coordenador do projeto de pesquisa *Identities Juvenis na Região das Hortênsias*. E-mail: koch.rodriogo@terra.com.br

² Licenciada em Pedagogia. Bolsista IniCie-Uergs em 2015. E-mail: prihcastilhos@gmail.com

reconhecimento de um grupo social estabelecido ou não. As constantes mutações dos jovens, que hoje trafegam neste segmento – talvez, entre os 12 e os 40 anos de idade – são perceptíveis no cotidiano das sociedades (SARLO, 1997). Os comportamentos dos espaços públicos são transmitidos e transformados no contexto escolar. Este ensaio apresenta resultados parciais e faz parte de uma pesquisa que pretende investigar as identidades juvenis na contemporaneidade no cenário escolar, com foco na Região das Hortênsias. Nesse estudo preliminar, desenvolvido em 2015, nos debruçamos em identificar as identidades juvenis no município de São Francisco de Paula.

Pretendemos encontrar respostas para as expressões, transformações, vivências e experiências da juventude na constituição de suas as identidades na contemporaneidade. Acreditamos que os jovens buscam se identificar “com” e “em” grupos sociais como forma de diferenciação e ascensão social; que as identidades juvenis são expressadas sob diversas formas, constituindo grupos identificáveis, a partir de processos culturais globais e locais. Estas identidades seriam transformadas e vivenciadas de acordo com o tempo e espaço de cada grupo, sob condições locais e influenciadas por aspectos globais e, portanto, passariam a ser utilizadas como símbolos de representação e significação para os grupos sociais jovens. Através de metodologias de identificação, descrição, e classificação, esta pesquisa busca identificar, conhecer e analisar as identidades juvenis na Região das Hortênsias.

Antes de apresentarmos os resultados da primeira etapa, realizada em São Francisco de Paula, consideramos importante fazermos uma reflexão sobre alguns aspectos que envolvem a diferença e a juventude no cenário contemporâneo, imergindo neste campo cultural.

A diferença, os ‘diferentes’ e os ‘outros’

Devemos considerar a *diferença* dentro de processos em movimento, ou seja, um devir, como destaca Schöpke (2004) ao analisar a construção do pensamento na obra deleuziana. *Diferença* seria romper o método, ou em outras palavras, diferença em pensar diferente. Um “novo” pensamento que “força a pensar” e, que gera ação de criação. Mas talvez *diferença* não seja só isso. A autora chama atenção para alguns erros comuns que podemos cometer ao tentar reduzir a *diferença* à simples representação ou a identidade. Este é um aspecto que em princípio nos preocupa, pois nas análises futuras

acabaremos navegando em debates em torno da identidade. Schöpke (2004) destaca que é na repetição que a *diferença* se faz autenticamente presente, mas ao mesmo tempo revela os perigos de reduzi-la a atos repetitivos, sob pena de perder seu caráter anárquico e subversivo, características ímpares da *diferença*. Sendo que a repetição também não pode ser confundida com a generalidade. Como Deleuze nos mostra, o que temos na grande maioria das vezes são passagens de uma para outra ordem de generalidade e, não em si uma repetição, pois esta só seria possível transgredindo as leis da natureza. “(...) É pela generalidade que repetimos todos os dias as mesmas ações: levantar, tomar café, trabalhar etc. Nunca repetimos realmente, apenas fazemos de forma semelhante (...)” (SCHÖPKE, 2004, p.36). As duas grandes ordens da generalidade são a semelhança entre os sujeitos e a equivalência entre os termos que designam esses objetos particulares.

Para não cair em armadilhas da linguagem também vamos utilizar rápidas dicas de Tomaz Tadeu da Silva (2002), sobre as impertinências da *identidade* e da *diferença*. Diz o autor que “a identidade joga pelas pontas, enquanto que a diferença pelo meio”, o que nos faz pensar que a *identidade* pode ser caracterizada com uma das ramificações, ou produto, da *diferença*. No entanto, não podemos tentar coloca-las em um mesmo campo conceitual, pois “a diferença – submetida às regras da identidade e da semelhança – torna-se passível de ser ‘estabelecida’ porque obedece aos critérios rígidos do raciocínio lógico e representativo” (SCHÖPKE, 2004, p.22). Isto reduziria a capacidade da *diferença* a simplesmente ser, mas a *diferença* devém, pois a *diferença* é mais do que apenas um desvio da norma, ela é um movimento sem lei (SILVA, 2002). Ainda, nas palavras de Schöpke (2004), Deleuze destaca que a *diferença* submetida às regras de representação tornar-se prisioneira da generalidade, portanto a *diferença* está na ordem da proliferação e não da representação. Portanto, a identidade precisa da *diferença*, ou seja, a *diferença* é aquilo que perturba o fechamento da identidade, que a torna fluida e porosa (CASTRO, et al. 2006).

Vale lembrar que, historicamente, as “filosofias da diferença” criticam valores universais da cultura política eurocêntrica, questionando posicionamentos fundacionais e filosóficos para o estabelecimento de certos “direitos”, analisando sua construção genealógica e discursiva, nas transições do “direito divino” para o “direito natural” e, posteriormente para o “direito humano” (PETERS, 2000). Conforme Derrida (1981,

apud PETERS, 2000) a *diferença* refere-se não apenas ao “movimento que consiste em diferir”, ela é vista determinando os limites linguísticos do sujeito.

Mas afinal, a *diferença* está relacionada em ‘ser diferente’? Respondemos, inicialmente, que sim. ‘Ser diferente’ no contexto contemporâneo não é apenas apresentar características físicas, modos de se vestir ou de se configurar esteticamente, além de exibir comportamentos transgressivos ao que está estabelecido como o padrão socialmente aceitável. ‘Ser diferente’, de fato, é também abusar da *diferença* como modo de pensar. A *diferença* não pode ser entendida no sentido estruturalista de diferença entre coisas identificáveis, mas no sentido de variações abertas. Portanto, a *identidade* seria apenas uma das possibilidades, ou melhor, um produto da *diferença*. Conviver com a *diferença* não é tarefa fácil, podendo ser muitas vezes fonte de angústia e insegurança. Pensamos que seja interessante acrescentar a definição do pesquisador Carlos Skliar (2015) sobre o problema dos ‘diferentes’:

Os “diferentes” são sujeitos assinalados e estigmatizados, cuja descrição resulta de um longo processo de construção e invenção diferencial. Esse processo é chamado de “diferencialismo”, ou seja, uma forma de categorização, separação e diminuição de algumas marcas identitárias vinculadas ao vasto e caótico conjunto das diferenças humanas. As “diferenças”, sejam elas quais forem, não podem nunca ser descritas como melhores ou piores, superiores ou inferiores, boas ou más, normais ou anormais, etc. O fato de que algumas identidades, ou marcas identitárias, sejam consideradas diferentes, nos sugere que se produz um certo tipo de diferencialismo, ou seja, que essas marcas consideradas negativas, colocam-se em relação de oposição à ideia de normal, de normalidade. (SKLIAR, 2015, pp.25-26)

Juventude contemporânea

Historicamente, no período moderno, o jovem foi apresentado como um problema social, vinculado a atos de violência e ilícitos, com ênfase em sua indisciplina. Dayrell (2005) aponta algumas características marcantes que geralmente ainda são atribuídas à juventude:

[...] Na “falta de respeito” nas relações entre os pares e com os professores, na sua “irresponsabilidade” diante dos compromissos escolares, na sua “rebeldia” quanto à forma de vestir – calças e blusas larguíssimas, *piercings*, tatuagens e o indefectível boné –, o que pode ser motivo de conflito quando a escola define um padrão rígido de vestimenta. É comum também entre os professores o estereótipo das gerações atuais como desinteressadas pelo contexto social, individualistas e alienadas, numa tendência à compará-las às gerações anteriores, mitificadas como gerações mais comprometidas e generosas. (DAYRELL, 2005, p.54)

Sem deixar completamente tais características desse passado recente, nas sociedades pós-modernas a juventude começa a ser vista e tratada de outra forma, pois adquiriu novos contornos, principalmente com o advento de novas ferramentas tecnológicas de comunicação e também de novas concepções familiares, com pais separados, pais-adolescentes, e avós, tios e irmãos mais velhos assumindo papéis paternos e maternos. São sujeitos de uma nova geração nascidos e engendrados em uma tecnocultura. Há novas mídias que subvertem completamente às antigas formas de se comunicar (OLIVEIRA e TOMAZETTI, 2010). O ‘novo padrão’ passou a ser não haver padrão. Há um ‘borramento’ de fronteiras e a juventude se expande e se confunde. Os desejos e sonhos que conduzem os jovens na sociedade de consumidores dos tempos atuais também modificam suas condutas em relação ao que estávamos habituados em tempos modernos e sólidos. Os jovens são nômades. Costa (2012) caracteriza as ações que engendram o comportamento de jovens do novo milênio.

Eles procuram incansavelmente inscrever-se na cultura globalmente reconhecida e fazer parte de uma comunidade de consumidores de artefatos em voga na mídia do momento; produzem seus corpos de forma a harmonizá-los com o mundo das imagens e do espetáculo; caracterizam-se por constantes e ininterruptos movimentos e mutações. (...) jovens que buscam infatigavelmente a fruição e o prazer e, nessa busca, borram fronteiras de classe, gênero e geração. (...) vão se tornando o que são, vivendo sob a condição pós-moderna.

Quando crianças, os jovens pós-modernos, foram educados pelo que podemos denominar de ‘babás-eletrônicas’, ou seja, passavam muito mais tempo em frente à televisão, computadores, videogames, do que na escola ou se dedicando às tarefas escolares; condição que já está presente desde a década de 1990 e com produtividades mais significativas após a virada do milênio. O conceito de novas áreas pedagógicas é defendido por Steinberg (2004), ou seja, “são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc” (p. 14).

Costa e Momo (2009) ao discutir trechos do livro *A escola tem futuro?* na parte inicial do artigo ‘*A conveniência da escola*’ também abordam esta temática citando alguns autores presentes na obra quando apontam que processos culturais bastante complexos estão ocorrendo fora da escola e afetando a escola. Ainda conduzindo conversações do livro nessa parte introdutória do artigo, as autoras chamam a atenção para o fato de que “tudo que acontece na escola tem fios e tramas dentro e fora da escola” (2009, p. 521), e esquecer ou negligenciar isso implica sérias consequências.

O espaço que esta nova configuração da juventude passou a ocupar na sociedade ocidental capitalista pode ficar mais claro quando analisamos que já surgiu, nas últimas décadas, um novo grupo de consumidores. Sarlo (1997) e Canclini (2004), ao caracterizarem os jovens, salientam que fazer parte deste grupo é uma questão de estilo, ou seja, não há uma faixa etária determinada e sim o ‘estilo jovem’. A juventude começa cada vez mais cedo e se estende por décadas, podendo o indivíduo, por desejo, transitar nesta geração facilmente até os 40 anos de idade. No entanto, segundo Canclini (2004), mais que trabalhadores satisfeitos e seguros se convoca os jovens a serem subcontratados, empregados temporários, e buscadores de oportunidades eventuais. É um grupo geracional que não reconhece seu passado e não sabe seu futuro, e para o qual o modelo de triunfo social é ser um *ex-big brother*. Ainda, segundo Sarlo (1997), ser jovem, para os muitos que adotam esse estilo, garante as vantagens de trazer à cena a sexualidade e se desvencilharem das obrigações e responsabilidades da vida adulta. A juventude é um território onde todos querem viver indefinidamente.

Nos valendo das palavras de Bauman (2007), na introdução do livro *Vida Líquida*, intitulada ‘*Sobre a vida no mundo líquido-moderno*’, descrevemos comportamentos dos jovens consumidores na sociedade pós-moderna e contemporânea. Nos dias atuais, “livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las” (p. 8). “A vida líquida é uma vida de consumo. Projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade enquanto são usados” (pp. 16-17). “Na sociedade de consumidores, ninguém pode deixar de ser um objeto de consumo” (p. 18). Do ponto de vista dos teóricos tradicionais do marketing, os jovens consumistas têm hábitos específicos: mudam de opinião facilmente, buscam sempre por novidades e procuram mais qualidade do que quantidade, se relacionando com tendências e valores. Estão constantemente ligados às novas ferramentas tecnológicas, e muitas vezes com diversas mídias (internet, iPod, tevê, telefone móvel, aplicativos ...) interagindo ao mesmo tempo. Os jovens são educados por esses meios por estarem expostos a esses artefatos. Trata-se de um grupo diferente no ato de consumir, por já administrarem, praticamente sem apoio, influência e vigilância dos pais, o “seu dinheiro”, ainda que este provenha dos próprios progenitores.

Os jovens apresentam um caráter nômade, com vínculos flexíveis e assunção de identidades fugazes, rejeitando modelos arbitrários e verdades cristalizadas pelo tempo.

Ao mesmo tempo buscam respostas em narrativas inéditas de *tribos* juvenis, abertos ao diálogo, à incerteza, e à fugacidade dos relacionamentos (OLIVEIRA e TOMAZETTI, 2012). Em resumo, o jovem contemporâneo se oferece para ser visto ou recebido pela *diferença*.

Os jovens sabem da diversidade étnica, etária e social que compõe uma grande cidade e possuem seus pontos de vista sobre as diferenças e desigualdades entre as pessoas. Este saber não é algo estático, mas se altera constantemente a partir dos encontros que os jovens têm com os outros na cidade. (CASTRO et al. 2006, p.438)

Há ainda outros aspectos vinculados à juventude, revelados em recente pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que nos interessam para as análises futuras. Apresentamos, aqui, brevemente alguns dados deste estudo que traz uma revelação surpreendente: apesar de todas as mudanças comportamentais das últimas décadas, o jovem brasileiro ainda tem entre suas grandes aspirações a formação de uma família. No entanto, o que esta geração entende por família é algo bastante diferente do conceito tradicional.

A pesquisa *Ideias e Aspirações do Jovem Brasileiro sobre Conceitos de Família* foi realizada com mil e quinhentas pessoas de idade entre os 18 e os 34 anos, de todas as regiões do país. Um dado que chama a atenção diz respeito à orientação sexual: chega a 28% a proporção de jovens que se declaram homossexuais ou bissexuais. Outro choque é religioso. O Brasil pode ser considerado o maior país católico do mundo, mas entre os jovens essa opção é minoritária. Apenas um em cada três dizem seguir a igreja católica. Os ateus e agnósticos somam 25,5%. No que diz respeito à família em si, a aceitação de formas alternativas é expressiva. A maior parte dos jovens não pretende casar na igreja, não rejeita nenhuma forma de organização familiar e acredita que os papéis de mãe e pai são unissex.

A mesma pesquisa revela outros pontos importantes que serão mais adiante analisados. Por exemplo, os jovens da atualidade são imediatistas e pensam primeiro no "eu" — antes de se casar, querem “arrumar a vida”. Eles também têm como característica um certo utilitarismo no que diz respeito à família: sua visão é de que o grupo familiar é algo prático e útil. É uma geração “*superconectada*”, para a qual ter internet e wifi é algo muito mais importante do que possuir um freezer ou um carro. Por último, destacamos quem os influencia nos momentos de decisão. A maioria ainda aponta os pais como maiores formadores de opinião, mas neste item aparecem também

namorados, irmãos e familiares, líderes espirituais, amigos, e ídolos e celebridades como referências a serem seguidas.

A escola, ainda, como um dos espaços dos jovens contemporâneos

Os jovens são educados pelas expressões culturais que os cercam. Escola, família, amigos e também a mídia operam estas transformações comportamentais. No entanto, percebemos que escola e família já não conseguem mais auxiliar esses indivíduos de forma satisfatória na construção de suas *identidades*, bem como no planejamento de seus projetos de vida. A juventude está diariamente em contato com as novas tecnologias midiáticas. “As territorialidades virtuais e seus tempos parecem já ter sido incorporados como plataformas para a construção do ‘eu’ pelas populações juvenis” (OLIVEIRA e TOMAZETTI, 2010, 2012b). Quais seriam as produtividades dessa situação? A mídia, em especial a televisão, por sua onipresença nos lares, tem sido central na formação contemporânea. Não é difícil identificarmos esse processo nas sociedades atuais, quando vemos jovens repetindo falas, gestos, comportamentos, estética dos penteados e cortes de cabelos, e trajando roupas e calçados dos seus ídolos para se assemelham a eles. Há um novo modelo de construção de si no qual ser visto e reconhecido visualmente pelos outros nestes diferentes cenários tornou-se o mais importante. As celebridades passam a ser vedetes do espetáculo para suprir o entretenimento humano (FREIRE FILHO, 2005). As identidades são construídas a partir dos discursos nos sistemas de representação, proporcionando certa estabilidade por estarem baseadas em referências comuns para os sujeitos, com fronteiras nítidas entre quem está dentro e quem está fora, quem pertence e quem é excluído (CASTRO et al., 2006).

Mas onde, em que espaços, os jovens podem desfilarem esses novos *looks* moldados pelas influências midiáticas e operados pela *diferença*? Costa (2009) e Costa e Momo (2010) apontam as escolas como ‘novos’ lugares reconfigurados – que, agora, parecem verdadeiros *shoppings centers*, com salões de estética, livrarias, farmácias, boutiques, lanchonetes, cafeterias, jogos eletrônicos em áreas de convivência, televisões espalhadas pelos corredores, sistema de internet sem fio ... –, como um dos espaços preferenciais vislumbrados por esta geração, porque “a escola é um lugar na cultura, e um lugar onde a cultura circula, onde culturas se encontram e negociam, onde se produz

e consome cultura” (COSTA E MOMO, 2009). “As escolas oferecem crescentemente aos estudantes a mensagem pouco sutil de que tudo está à venda, incluindo as *identidades*, os desejos e os valores dos estudantes” (COSTA, 2012). Portanto, de acordo com Costa e Momo (2009) “ela [a escola] também começa a ser posicionada em relação a esse novo jeito da cultura operar, e também nos ensina muito sobre nosso período histórico e sobre novas funções e significados da escola na ordem contemporânea orientada para e pelo mercado” [acréscimo nosso]. Quando nos referimos ao ‘novo jeito da cultura operar’, estamos, filosoficamente, falando sobre as produtividades da *diferença* neste campo. Para as autoras, a escola é mais um espaço entre tantos para a difusão dos novos modos de ser jovem, de comportamentos remodelados.

Apesar das inúmeras transformações sociais nas últimas décadas, principalmente desde os anos 1990 e – ainda – na entrada do novo milênio, algumas instituições continuam sendo centrais e de referência na vida das sociedades modernas e, agora, em passagem tardia para pós-modernas. Talvez o melhor exemplo disso seja a escola, que mesmo em tempos *líquidos* – quando os alunos são educados não mais somente pelos professores, mas também pelas mais variadas mídias e artefatos culturais – continua ocupando o espaço formal da educação. É ponto de consenso e se convencionou e regulamentou, desde o século XIX, que qualquer criança ou jovem tenha o direito – e porque não, também o dever – de frequentar a escola para adquirir conhecimento e ser preparado para e pela sociedade na qual está inserido. Aqueles que estão fora desta condição, são vistos como ‘*os outros*’, os excluídos que vivem em situação ‘anormal’. No entanto, a sala de aula contemporânea se vê ameaçada pela fluidez e instantaneidade dos artefatos pós-modernos e, é encarada muitas vezes como um espaço de lazer (OLIVEIRA e TOMAZETTI, 2010; 2012). Silva (2014) salienta que a escola não leva em conta as diferenças e não tem oferecido espaço para essas manifestações, pois as disciplinas clássicas continuam sendo mais valorizadas do que os componentes curriculares que envolvem a criação ou a expressão, como música, artes, teatro e/ou educação física. Veiga-Neto (2008) destaca que “não se trata de pensar a escola apenas como produzida pela sociedade em que ela se insere mas, também e ao mesmo tempo, de pensa-la como produtora dessa mesma sociedade” (p.142). Neste contexto, não podemos esquecer que a escola sempre produziu e continua produzindo experiências

culturais, sem querer aqui avaliar se as mesmas são boas ou más na constituição destes cidadãos.

A escola, hoje, se transformou em um grande palco para os jovens serem vistos. É neste espaço reconfigurado da contemporaneidade que os jovens produzem seus corpos, com roupas, penteados, acessórios e ferramentas tecnológicas para serem aceitos *no e pelo* grupo ao qual pretendem pertencer (ainda que por poucos instantes), nos diversos momentos e preponderantemente durante os intervalos, que deixaram de ter a característica de recreio – vinculada à recreação –, e hoje estão mais próximos de uma grande festa devido aos sons e imagens que são emitidos pelas diversas caixas sonoras ou dispositivos portáteis e/ou pelo próprio sistema de áudio e vídeo da escola, assim como pelas *tribos* que circulam pelos pátios, corredores e demais espaços. São jovens acostumados a um contexto urbano de múltiplas oportunidades de satisfação e, que consideram a escola de Ensino Médio como mais um dos espaços de brincadeiras, ‘zoações’ e gargalhadas contrapondo a ideia de lugar de vivências educacionais. Ouvem as palavras docentes com displicência e indiferença, configurando uma relação de estranhos entre professores e alunos. Vale lembrar que a escola moderna foi fundada e criada a partir da “disciplina”, ou seja, a palavra serve não só para caracterizar os diversos conteúdos que devem (ou deveriam) ser absorvidos pelos alunos, mas também no sentido de “moldar” os indivíduos para a sociedade. Neste contexto, “ser aluno” é “ser obediente”. Kohan (2013) alerta que a “disciplina” é um modo de exercer o poder que nasce e se desenvolve na modernidade, mas que nos contextos contemporâneos não existe o poder por um lado e os indivíduos por outro, mas indivíduos exercendo poderes no que Foucault chama de a arte do governo. De acordo com Rancière (2002) “a escola funciona, mais fortemente do que nunca, como analogia, como “explicação” da sociedade, isto é, como prova de que o exercício do poder é o exercício natural e único da desigualdade das inteligências”. Portanto, perguntamos: Quando e quem exerce o poder nos espaços escolares? Pensamos que no decorrer deste texto esta resposta já esteja implícita, pois sempre que se exerce o poder se exerce também um contra-poder.

Sarlo (2005), ao escrever sobre os grupos sociais jovens, no trecho *Nem essência nem substância* do primeiro capítulo da obra *Tempo Presente*, convoca o sociólogo francês Michel Maffesoli para afirmar que:

(...) a cena contemporânea deve ser pensada como um espaço onde perambulam tribos culturais, agrupamentos diferentes e instáveis em torno de interesses específicos (pela música, pelo esporte, pelas roupas, pela droga, pela

sexualidade, pelo bairro, pela faixa etária). Não há povo, diz Maffesoli, e sim grupos que, como um caleidoscópio, assumem formas distintas que duram o que dura o ato que os convoca: os cristais, antes estáveis, do povo, se reordenam formando figuras intensas, porém efêmeras. (SARLO, 2005, p. 19)

Necessitamos imergir neste campo ainda desconhecido onde se dão as novas formas de viver dos jovens contemporâneos. São indivíduos que buscam respostas para suas vidas nas narrativas inéditas de tribos juvenis, e apesar de estarem abertos ao diálogo desejam a perenidade dos vínculos que consideram como leais as suas propostas de vida (OLIVEIRA e TOMAZETTI, 2010, 2012).

A diferença como ‘interlocutora’ da juventude

Reconhecemos que vivemos em um período pós-moderno e, que estamos – talvez – em uma fase de transição ou reconfiguração das relações, ou seja, a constituição de uma ou de novas sociedades. Uma “sociedade do acontecimento” – lembrando que o que acontece está fora de qualquer previsibilidade –, onde tempo produtivo e tempo de lazer se confundem. Portanto, uma sociedade nas quais os indivíduos funcionam segundo a lógica do trabalho imaterial e, onde também, os espaços públicos e do cotidiano produzem seus ‘ruídos’ de vozes, seus gritos, suas reivindicações, seus gestos de exigência, suas frustrações e insatisfações, e suas heterogeneidades. Vivemos também em sociedades que são, supostamente, igualitárias. Estas “novas sociedades” apresentam características renovadas, como por exemplo: cooperação entre cérebros, por meio de redes; dispositivos tecnológicos arrojados, que potencializam a captura da memória e da atenção; e processos de sujeição e de subjetivação para a formação de públicos, nos quais os novos sujeitos transitam livremente (SARAIVA & VEIGA-NETO, 2009). Neste contexto, o conhecimento torna-se ultrapassado quase no mesmo momento em que é produzido. Segundo Schöpke (2004), “são modos de vida inspirando maneiras de pensar e modos de pensar inspirando maneiras de viver”. A verdade desta população está onde ela está mudando; está em suas bordas (WILLIAMS, 2012).

É uma oportunidade para também enxergarmos e colocarmos lentes sobre o *outro*, caracterizado por “aquilo que uma cultura deve evitar abertamente, reduzindo sua alteridade por meio do encerramento, evitando o perigo de se ver a si mesmo nessa alteridade e – ao mesmo tempo – ameaçada por ela” (MUÑOZ 2013, pp.269-270). A sociedade, de certa forma, foge e tem medo de olhar e dedicar atenção para os aspectos que a cultura está ocultando ou não faz questão de pensar sobre. A provocação feita aqui

é de destacarmos elementos não pensados dentro dessa história, utilizando estratégias como a análise dos desvios, a inversão de temas, questionando e problematizando universais antropológicos. Bom exemplo para enxergarmos isso é a condição hegemônica do padrão criado/inventado do homem ocidental: branco, burguês e cristão, que inevitavelmente passa por nós. A pergunta é: onde estão as mulheres, as demais etnias, faixas etárias, classes sociais e religiões? Onde estão as juventudes e os jovens? A história nunca deu grande espaço para estas personagens.

Os jovens contemporâneos – que já constituem esta nova sociedade – operam seus pensamentos através da *diferença*, abandonando as lógicas modernas e sólidas que, principalmente, a quase totalidade das escolas e a grande maioria dos professores ainda seguem em busca de uma tradição que já naufragou e está ultrapassada pela nova tecnocultura. Há uma nova linguagem e maneira de pensar em curso nas quais termos e conceitos que emergiram nas últimas duas décadas – como *backup*, *download*, *whats*, *upgrade*, *bytes*, *business*, *feedback*, *megastore*, *drive-thru*, *freelance*, *sex appeal*, ... entre outros – são utilizados para estabelecer as relações (sejam estas de qualquer ordem ou interesse; de trabalho, afetivas, econômicas, ... fugazes) hoje vinculadas a permanente atualização, como se equivalessem a *softwares* ou aplicativos. São palavras, termos, conceitos, produtos e artefatos que conduzem a juventude pós-moderna para a (des)(re)construção da sociedade contemporânea. São jovens submissos aos outros e a si mesmos pela multiplicidade de suas identidades num constante “*processus*” (MUÑOZ 2014).

Os sujeitos lançam mão de símbolos, constituídos pelas imagens concretas por eles ostentadas (roupas, acessórios, objetos de consumo) e rituais compartilhados entre os pares (modo de falar, andar, locais que frequentam) para afirmarem o que são. Esta afirmação é sempre incompleta e parcial e, como qualquer linguagem, está sujeita a ambiguidades e equívocos. (CASTRO et al. 2006, p.439)

São novos modos de ‘ser’, onde – assim como na modernidade – continuam prevalecendo espaços e/ou campos culturais com as lutas de poder. Um poder que muitas vezes não pode ser mais considerado hegemônico, mas apenas momentâneo, que irá também estabelecer suas produtividades. Segundo Foucault, o poder é produtivo e está disperso em todo sistema social, estando estreitamente vinculado ao saber. O poder é produtivo porque ele não é apenas repressivo, mas também cria ‘novos saberes’ – que podem não apenas reprimir, mas também libertar. Os ‘novos saberes’ que são operados pela juventude contemporânea.

As estruturas sócio-culturais exercem um papel importante na formação da autoconsciência, sendo parte integrante nos processos que tendem a excluir o *outro*, ou seja, grupos sociais e culturais que agem de acordo com critérios culturais diferentes. Este processo envolve a constituição discursiva do eu e, a localização histórica e cultural do sujeito. Na pós-modernidade, o conceito de *diferença* proporciona uma lógica mais apropriada para compreender as reivindicações e as lutas pela *identidade* (PETERS, 2000). Sistemas simbólicos (como cidade, moda, escola, sala de aula, ...) podem ser analisados como uma espécie de código, ou seja, podem ser concebidos como uma linguagem. E nesse espaço há divergências e/ou ambiguidades, pois a escola contemporânea (moldada na modernidade) ainda impõe por certas vezes uma infantilização aos alunos que não é mais deles (KOHAN, 2013). Vemos neste momento também que o tempo escolar tem se configurado para muitos jovens com um palco da impaciência.

Manter-se maleável e aberto às novidades comportamentais; não fixar-se a projetos afetivos duradouros e estar disposto a abdicar de valores pessoais (que possam dificultar as margens de escolha); mover-se como se não existissem fronteiras territoriais, dentre outros elementos, pois, têm sido os critérios de construção das identidades individuais em uma cultura onde o capital desregulamenta a vida privada (OLIVEIRA e TOMAZETTI, 2012b, p.187-188)

Os jovens contemporâneos já abandonaram há tempos o conceito moderno de sujeito uno, indivisível e originário; na verdade, já foram constituídos na *liquefação*, processo que está na raiz do fenômeno pós-moderno denominado de dissolução, “borramento” ou apagamento de fronteiras. Os novos sujeitos líquidos não têm fronteiras ou limites próprios, eles se amoldam ao lugar ou às condições em que se encontram. Esta flexibilidade – propriedade hoje desejável e tida como importante – decorre do caráter líquido da pós-modernidade. O mito do sujeito moderno – singular, estável e indivisível – está superado pela instabilidade (VEIGA-NETO, 2008).

Um sujeito flexível é diferente: ele é permanentemente tático. Por isso, na busca de maior eficácia para atingir seus objetivos, o sujeito flexível apresenta comportamentos adaptativos e está sempre preparado para mudar de rumo, de modo a enfrentar melhor as mudanças (VEIGA-NETO 2008, p.147)

Portanto, nos preocupa, agora, como estão sendo construídas, desconstruídas e reconstruídas as identidades juvenis neste cenário atual – tema em que vamos tráfegar, ou melhor, navegar nas próximas etapas de pesquisa, com futuras discussões e análises.

Outras informações chamam atenção nestas análises iniciais. Dados do estudo *Rolé Jovem*, divulgado pelas agências República e Lupa, reforçam o que estamos

dizendo, apontando também a rejeição de hierarquias e que os jovens dispensam a carreira de um só emprego. A pesquisa identificou quatro “traços comportamentais” ou “diretrizes geracionais” da juventude contemporânea.

Egotruísmo; aquele que não precisa se sacrificar para promover o bem geral, ou seja, os jovens estão dispostos a melhorar a sociedade, com a condição de que a empreitada seja prazerosa — algo como um hedonismo consciente. Como esta geração acredita ser “difícil encontrar propósito nas empresas”, em geral muito voltadas a resultados e fechadas para a inovação, o empreendedorismo acaba se tornando uma “válvula de escape”. *Ressignificação*; eles querem uma pequena revolução. Ao mesmo tempo em que o jovem critica o político com o refrão do “não me representa”, busca também “começar a mudança por si mesmo”. Uma das noções mais ressignificadas é a do sucesso. Em relação à educação, sucesso é encontrar e investir no que se gosta. Já o relacionamento afetivo ideal é com alguém que tenha os mesmos objetivos. A vontade de casar cede espaço para a busca de pessoas com quem se possa “dividir momentos”. *Transitoriedade*; pois a maioria dos jovens se apresenta com um eterno insatisfeito. O jovem quer buscar algo que tenha algum propósito, sem se preocupar com rótulos. Primam pela experimentação e por “um mundo de possibilidades”. E por fim, o *Imediatismo* com o retorno instantâneo. A mudança de postura é para já, os resultados são para ontem. Os intermináveis recursos ofertados pela internet dão a entender que nada está fora de alcance. O atual estagiário acredita estar apto para assumir um cargo de gerência. O lado negativo dessa inquietude é a porta aberta para a angústia e a frustração.

O quanto cada um será mais ou menos flexível, (in)controlável e *líquido* dependerá das relações entre a sua própria subjetividade e as exigências do(s) sistema(s) no(s) qual(is) está inserido ou irá se inserir.

Metodologia

Este estudo tem como base referencial as discussões acerca das identidades juvenis, com base teórica nos Estudos Culturais da juventude. Para a pesquisa de campo/coleta de dados está sendo adotada metodologia quantitativa, com questionário fechado na primeira etapa; e acompanhamento de grupos focais nas etapas seguintes. Este questionário apresenta dados iniciais como gênero e ano que o entrevistado está

cursando no Ensino Médio, e apresenta uma série de opções de preferências e grupos sociais onde os sujeitos que estão respondendo podem optar por mais de uma resposta, inclusive, há espaços em branco para que os entrevistados possam apontar opções que não foram contempladas na versão impressa. Em 2015 foram realizadas visitas e observações nas escolas de ensino médio de São Francisco de Paula (há apenas duas escolas na cidade que oferecem a modalidade de ensino: Colégio Estadual José de Alencar e Colégio Expressão) para identificação preliminar de grupos e aplicação de questionário fechado para identificação dos grupos juvenis. Foram entrevistados cento e trinta e nove (139) indivíduos. Em 2016, haverá coleta de dados, seguindo a mesma metodologia também nos municípios de Gramado e Canela.

Nesta etapa da pesquisa, apresentaremos a descrição e classificação dos grupos (tabulação dos dados e breve análise dos mesmos) encontrados em São Francisco de Paula. A partir de 2016, alguns desses grupos serão selecionados e monitorados periodicamente, através de grupos focais com a intervenção dos pesquisadores, com objetivo de aprofundar as análises.

Resultados parciais: São Francisco de Paula

Ressaltamos que optamos por realizar a aplicação dos questionários nas escolas por esta se tratar de um espaço da juventude, como já destacamos no texto, e também pela questão prática de encontrar um maior número de jovens concentrados no mesmo local, sem que haja tendência ou preferência por um grupo social em detrimento dos outros, algo que poderia ocorrer se os dados fossem coletados em um shopping center, uma festa ou show musical, ou ainda um estádio de futebol entre outros espaços públicos.

Os dados iniciais de São Francisco de Paula nos revelam que a maioria dos estudantes de Ensino Médio estão na escola pública, somando cerca de setenta por cento (70%) do total. Na distribuição dos alunos nas séries do Ensino Médio há um certo equilíbrio, sendo que na escola privada o maior número é de ingressantes e na escola pública de concluintes. Boa parte dos dados coletados apresentam semelhanças entre os estudantes da escola particular e da escola estadual, mas no apontamento de preferências secundárias e grupos sociais divergem, principalmente, quando foram preenchidas as lacunas que estavam 'em branco'. Vejamos as respostas.

Quando questionados sobre suas preferências e interesses, no geral, o item ‘Música’ aparece em primeiro lugar, com cerca de oitenta e quatro por cento (84%) dos jovens relacionando o mesmo entre os assuntos que mais tomam seu tempo cotidiano. ‘Filmes’ (63%), ‘Festa’ (56%), ‘Tecnologia’ (47%) e ‘Futebol’ (37%) também foram itens relacionados entre os mais indicados pelos estudantes, não necessariamente na mesma ordem para o ensino privado e público, mas todos estando entre os cinco mais citados em ambos os casos. Como podemos observar, a ‘tecnologia’, conforme já indicado neste texto, é ponto de interesse dos jovens. Chama também atenção que entre os jovens da escola estadual o item ‘Sexo’ apareceu entre os mais indicados, com quarenta por cento (40%), enquanto que na escola particular o mesmo item foi relacionado por apenas dezessete por cento (17%) dos entrevistados. Talvez o fato esteja vinculado ao número de estudantes nas séries iniciais e finais, como já explicado acima.

Os grupos sociais nos quais se inserem – citados e/ou apontados pelos jovens – são os mesmos tanto para os entrevistados do ensino privado como do público, porém em ordem e com percentuais diferentes. Na escola particular, a maioria se considera ‘Consumista’ (34%), seguido por ‘Esportista’ (32%), ‘Futebolista’ (27%), ‘Estudioso’ (22%) e ‘Baladeiro’ (aqueles que desfrutam dos eventos noturnos, ou em outras palavras, um ‘boêmio contemporâneo’) (17%). Já entre os jovens estudantes da escola estadual, o grupo com o maior número de simpatizantes é o dos ‘Baladeiros’ (43%). ‘Estudiosos’ (34%), ‘Futebolistas’ (29%), ‘Consumistas’ (22%) e ‘Esportistas’ (21%) também foram relacionados com índices semelhantes. Provavelmente, o índice de ‘Consumistas’ na escola privada é maior e aparece em primeiro lugar, devido ao poder aquisitivo e à classe social que tais indivíduos estão inseridos. No entanto, para este estudo, o que se torna importante é que os mesmos grupos foram indicados como os principais nos dois ambientes, possibilitando que a partir deste dado possamos focar tais interesses ou grupos sociais nas próximas etapas do estudo.

Em breve análise, percebemos também que os jovens são múltiplos, pois na maioria dos questionários respondidos muitas opções foram assinaladas, inclusive, com situações ambíguas e de certa oposição, como por exemplo, alguns que se consideram ‘estudiosos’ e ‘baladeiros’ ou que estão com interesses voltados para ‘música’ e também ‘futebol’. O indicativo, segundo os autores já citados, é de que os indivíduos desta geração apresentam constantes mutações e se relacionam através da diferença em uma rede de interesses que os cercam na sociedade pós-moderna.

Considerações preliminares

Durante as observações realizadas notou-se grande índice de consumidores no ambiente escolar, e não é difícil perceber o quanto a cultura do consumismo faz parte do cotidiano estudantil, apesar de muitas escolas exigirem o uso do uniforme. Ainda assim percebemos expressões consumistas em diversos aspectos relacionados tanto com o vestuário como com o uso de acessórios para composição do mesmo, tendo como artefatos complementares aparelhos tecnológicos como celulares, tablets, e notebook entre alguns exemplos mais visíveis, além das marcas dos mesmos que compõe valores para os alunos.

Os *iphones* são os que fazem maior sucesso entre os jovens, pois de acordo com eles dá status e representação de poder aquisitivo. Os calçados também são muito admirados pelos alunos, pois nota-se que a maioria dos jovens preferem marcas famosas como Nike e Adidas, e há comparação entre os alunos sobre seus pertences como qual é o mais bonito, qual é o mais caro, e em suas palavras “*qual tem mais presença*”. Percebe-se que há supervalorização pelos alunos de produtos que tem alto alcance publicitário, como os acessórios da Aple e da Nike. Isso acaba por reforçar a ideia da forte influência da mídia sobre as concepções dos alunos acerca de “qualidade” e “quantidade”, discussão pertinente quando se compara os valores dos produtos em questão. Realmente há produtos mais baratos que oferecem tanta qualidade e conforto quanto os mais caros, mas para esta questão teríamos que analisar o grau de compreensão dos alunos sobre consumo consciente e a real necessidade de consumir, adentrando o campo do custo/benefício, se levarmos em conta as diferenças entre um aparelho celular que pode custar três ou quatro vezes mais do que outro aparelho que fornecerá praticamente os mesmos recursos. No entanto, não há espaço e não é essa a discussão que pretendemos aqui.

Em geral, se percebe como principal indicador de consumo dos jovens a questão do status e da fama dos produtos sempre valorizando qual o impacto que determinado acessório vai causar dentro do grupo de amigos. É possível constatar que dificilmente há uma análise, pesquisa ou reflexão preliminar à compra, voltando a questões da aceitação por meio da autoprodução do corpo e das identidades a conseqüentemente do consumismo.

Uma das marcas identitárias encontradas mais saliente é, sem dúvida, o vestuário dos alunos. Há muitas formas de manifestação de preferência por produtos já consagrados perante a sociedade, seja através do casaco Adidas ou Nike sobre o moletom escolar, nas marcas de tênis preferidas pelos alunos, além de relógios e pulseiras para compor o *look* e ir moldando seu visual e “personalidade” e/ou identidade através destes acessórios que muitas vezes também fazem referências fortes acerca de clubes esportivos para os quais os jovens torcem, e que estão de certa forma presentes no cotidiano dos estudantes. Os fones de ouvido também se fazem muito presentes na hora do intervalo, e a troca de informações sobre o que cada integrante dos grupos gostam e não gostam. Quando se trata de discussão/troca de informações também percebe-se aspiração dos alunos para a tão esperada chegada da maioria no que diz respeito a suas próprias conquistas como a aquisição de automóveis e também da personalização dos mesmos, já que o diferencial para estes jovens são os automóveis (*naves* em sua linguagem) “rebaixados”, que segundo a maioria é sinônimo de ostentação.

Na área estética também se percebe grande presença das marcas identitárias, através do corte de cabelo moderno ou da moda e dos cabelos coloridos, além dos meninos que deixam os cabelos crescerem para demonstrarem seu estilo roqueiro, por exemplo, e/ou se parecerem com seus ídolos no geral. E neste aspecto não se trata de rótulos impostos pela sociedade, a maioria destas características foram extraídas a partir dos diálogos dos próprios alunos uns com os outros.

Nota-se que os alunos demonstram grande prazer de falar/conversar entre si nas suas *tribos*. São questões e assuntos referentes às suas personalidades, questões cujos alunos sentem necessidade de expressar coletivamente diante da sociedade, mas nas quais não se identificam no meio familiar e assim acabam por manifestá-las no âmbito escolar. Nesta fase os alunos tendem a querer “se mostrar” aos colegas e as demais pessoas em mais uma tentativa de se autoafirmar perante a sociedade. Através da ideia de que possuir objetos específicos ou de marcas específicas frente à sociedade é uma forma de ganhar ou perder status, ao olhar dos estudantes, os mesmos demonstram e acreditam firmemente que estes elementos personalizam sua “identidade”. Para os alunos a sua identidade momentânea, é apenas mais uma identidade, ou seja, para eles o que se é está estampado através do se demonstra ser, do que se possui e adquirir – como bens materiais, por exemplo. Assim compreendemos que talvez seja por isso que haja

uma forte cultura nas tribos juvenis e a necessidade de exibir sua *identidade*, seu “eu”, através dos elementos com o quais se identificam.

Há com certeza outras contraculturas e subculturas que merecem destaque e análises mais aprofundadas como já evidenciamos através da quantificação das principais “tribos” juvenis encontradas na Região das Hortênsias. E não só as que estão em maior número devem ser estudadas. Cabe a nós, pesquisadores, também investigar a constituição dos grupos sociais de jovens que se manifestam em minoria, pois é na “periferia dos dados estatísticos” que poderemos encontrar narrativas interessantes. São provocações para trabalhos futuros. Conforme já destacamos, se trata de apenas uma fase preliminar desta pesquisa. Na próxima etapa, estaremos nos debruçando em análises mais aprofundadas além de trabalhar com os dados dos municípios de Canela e Gramado. Estes novos estudos e coletas de dados ocorreram em 2016, com prosseguimento dos trabalhos, análises e discussões também em 2017. Trata-se de uma pesquisa em longo prazo, com objetivo não de esgotar o assunto – pois acreditamos que tal cenário está em permanentes transformações – mas sim de apresentar um quadro atual aproximado sobre o comportamento juvenil na Região das Hortênsias. Portanto, consideramos que o campo está aberto para o prosseguimento das discussões e também para futuras pesquisas nesta área temática.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Ser diferente es desconectarse? Sobre las culturas juveniles. In: CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, Desiguales y Desconectados**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.
- CASTRO, Lucia Rabello de; MATTOS, Amana Rocha; JUNCKEN, Elaine Teixeira; VILLELA, Helena Antunes Maciel; MONTEIRO, Renata Alves de Paula. A construção

da diferença: jovens na cidade e suas relações com o outro. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.11, n.2, pp.437-447, mai./ago. 2006.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber. Imagens do consumismo na escola: a produtividade da cultura visual. Dossiê sobre Arte, cultura visual e educação. **Revista Instrumento**. Juiz de Fora, UFJF, 2012.

COSTA, Marisa Vorraber; MOMO, Mariangela. A conveniência da escola. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas: Autores Associados, v.14, n. 42, set./dez. 2009.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DE “egotruísta” a “imediatista”: conheça o perfil do jovem que está chegando ao mercado de trabalho. ClicRBS, por Demétrio Rocha Pereira, 05/09/2014. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/empregos-e-carreiras/noticia/2014/09/de-egotruista-a-imediatista-conheca-o-perfil-do-jovem-que-esta-chegando-ao-mercado-de-trabalho-4591011.html> Consultado em 02nov2015.

FREIRE FILHO, João. Usos (e abusos) do conceito de espetáculo na teoria social e na crítica cultural. In: FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael (orgs.). **Comunicação, Cultura e Consumo. A (des)construção do espetáculo contemporâneo**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

KOHAN, Walter Omar. Capítulo 2 – A infância escolarizada dos modernos. In: KOHAN, Walter Omar. **Infância: entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MOMO, Mariangela; COSTA, Marisa Vorraber. Crianças escolares do século XXI – para se pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa** da Fundação Carlos Chagas. São Paulo. Vol. 40, n. 141, set./dez. 2010. páginas 965-991 ISSN 0100-1574.

MUÑOZ, Yolanda Gloria Gamboa. Capítulo 20 – Foucault: o outro que passa por nós. pp. 269-283. In: MUCHAIL, Salma; FONSECA, Márcio; VEIGA-NETO, Alfredo

(orgs.). **O mesmo e o outro: 50 anos de História da Loucura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MUÑOZ, Yolanda Gloria Gamboa. Em torno à obediência. **Polietica**. São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 88-111, 2014.

OLIVEIRA, Adriano Machado; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. Novos sujeitos no ensino médio? Reflexões acerca da subjetivação juvenil no cenário escolar contemporâneo. **Acta Scientiarum. Education**. Maringá, v.32, n.1, p. 127-134, 2010.

OLIVEIRA, Adriano Machado; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. Sobre a condição juvenil na escola contemporânea: cenários de uma crise. **Atos de pesquisa em Educação** – PPGE/ME FURB, v.7, n.1, p.106-121, jan./abr. 2012.

OLIVEIRA, Adriano Machado; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. Quando a sociedade de consumidores vai à escola: um ensaio sobre a condição juvenil no Ensino Médio. **Educar em Revista**. Curitiba, n.44, p. 181-200, abr./jun. 2012b.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

PESQUISA revela os novos conceitos de família para a geração Y. ClicRBS, por Itamar Melo, 01/01/2015. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/11/pesquisa-revela-os-novos-conceitos-de-familia-para-a-geracao-y-4892080.html> Consultado em 02nov2015.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**. Volume 34, número 2, pp.187-201, mai/ago 2009.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida Pós-Moderna. Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SARLO, Beatriz. Ontem e hoje. In: SARLO, Beatriz. **Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SCHÖPKE, Regina. O pensamento como ultrapassamento da representação clássica. In: SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Marcos Carneiro. A escola como primado da representação: as contribuições do pensamento de Gilles Deleuze. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v.19, n.1, p.157-172, jan./abr. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n. 79, Agosto/2002.

SKLIAR, Carlos. Incluir as diferenças? Sobre um problema mal formulado e uma realidade insuportável. Revista Interinstitucional **Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.13-28, fev-mai 2015.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. Texto da conferência proferida na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, em 1º de fevereiro de 2008. **Sísifo, Revista de Ciências da Educação**, 07, pp. 141-150. Consultado em agosto, 2015 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Tradução Caio Liudvig. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.